

## UM OLHAR OUTRO

Sou padre há 44 anos. Nesse dia 17 de Julho de 1977 éramos apenas três os novos sacerdotes para a arquidiocese de Braga. Foi o ano de menor número de ordenações. Dos três padres ordenados, um já morreu e o outro encontra-se debilitado em saúde, pelo que sem missão atribuída.

Hoje serão ordenados três novos sacerdotes para a nossa arquidiocese. E ao longo dos 44 anos, a média de ordenações anuais manteve-se em números baixos, quase sempre abaixo de dez. Ao mesmo tempo, a média de falecimentos de padres é bem mais elevada, o dobro ou triplo dos ordenados. Dirá isto alguma coisa aos nossos cristãos que frequentam a missa dominical?

Parece-me que muito pouco. Parece que é assunto tabu: ninguém se sente confortável diante desta realidade. Ao menos quando vaga uma paróquia e é necessário «entregá-la» ao vizinho, que até já tem três ou quatro.

Vivi o meu sacerdócio de modo muito diversificado, em realidades diferentes, as quais constituíram para mim uma riqueza grande, que aprecio: fui e sou pároco, trabalhei na redacção do jornal diocesano, o Diário do Minho, fui capelão militar e professor na escola pública, assisti comunidades de emigrantes portugueses em França e nos Estados Unidos, fui director do Secretariado Geral da Conferência Episcopal, fiz licenciatura em teologia pastoral em Madrid quando era pároco.

Olho para trás e dou graças a Deus pelo que recebi enquanto que, ao mesmo tempo, me penitencio das minhas fragilidades humanas e sacerdotais e das vezes em que confiei mais em mim e nas minhas capacidades do que na ajuda de Deus.

Procurei nunca hesitar no que toca à disponibilidade para servir. Por isso, sempre aceitei o que o meu bispo me propôs: recusando conhecer de antemão a realidade pastoral que me propunham, assumi por inteiro a missão, com fé e confiança em Deus e nos fiéis cristãos, capazes de «levar para a frente o evangelho de Jesus». Assim me apresentei aos barcelenses há cerca de 17 anos, como o tinha feito ao assumir outras realidades pastorais bem diferentes. Olho para os novos padres, reconhecendo neles o entusiasmo dos inícios. Bem precisamos de sangue novo, de novas energias, de novos olhares para o povo de Deus, hoje talvez bem mais necessitado da frescura do evangelho de Jesus.

Sendo do rol do clero idoso - os de 68 anos, como eu, são em maior número que os que têm menos de 68 - reconheço que as energias vão diminuindo, o cansaço aumentando e a necessidade das ajudas laicais mais evidentes. Olho para trás e reconheço que sempre insisti na promoção de um laicado responsável - tema da minha tese de licenciatura em teologia pastoral - e a minha paixão continua a ser a formação dos leigos. De facto, a ignorância religiosa - na nossa cultura de hoje abundam os diplomas e até os «craques» em algumas áreas - como outras ignorâncias aviltam o ser humano que, por isso mesmo, não saboreia a verdadeira liberdade dos filhos de Deus, só possível com uma fé adulta e reflectida. Faltando esta, a prática religiosa aparece muitas vezes como prática supersticiosa, alimentando medos que impedem a relação filial, harmoniosa e fraterna, que o ser baptizado nos trouxe.

Vivi a minha infância no catolicismo tradicional de uma prática religiosa em que não se faltava à missa ao domingo e se rezava o terço em família. Iniciei a formação no Seminário quando terminava o Concílio Vaticano II, esse dinamismo do Espírito que fez a Igreja voltar às origens para se rever à luz do evangelho e reconhecer que a missão é de todos, padres e leigos. Ordenei-me padre pouco depois do 25 de Abril, altura de grandes convulsões no nosso país.

Hoje olho para o nosso presente: a «dispensa» de Deus na nossa sociedade torna a missão do padre cada vez mais difícil. Alguma vez terá sido fácil? Neste «regresso dos deuses», urge que todos, sacerdotes e leigos, renovemos o nosso compromisso de servir com alegria. Quanto mais «ausência» de Deus mais notória é a necessidade da sua Presença.

P. Abílio Cardoso

Dostoievski.  
"A tolerância chegará a tal ponto que as pessoas inteligentes serão proibidas de fazer qualquer reflexão para não ofender os imbecis."



**Teófilo de Antioquia, um bispo do século II, aos pagãos que lhe pediam «mostra-me o teu Deus», invertia a pergunta: «Mostra-me o teu homem e eu te mostrarei o teu Deus», mostra-me a tua humanidade, e nós, cristãos, através da nossa humanidade, vos diremos quem é o nosso Deus. Os cristãos do século XXI podem dizer isto? Sabem mostrar uma fé que plasma a sua vida à imitação da de Jesus, ao ponto de fazerem mostrar neles a diferença cristã? De outra forma, como poderão ser creíveis no anúncio de uma "boa notícia", se a sua vida não consegue manifestar a "beleza" do viver? (...)**

Enzo Bianchi, in SNPC, 15/07/2021



## BODAS DE DIAMENTE

Celebram na próxima sexta-feira, dia 23, as suas bodas de diamante de casamento **António Luís Capela e Maria da Glória Pereira da Costa**. O casamento foi celebrado na Igreja Matriz no dia 23 de Julho de 1961. A Paróquia une-se à acção de graças e felicita o casal por este jubileu.

**PARA ELES OS NOSSOS PARABÉNS**

Ano XVII - Nº 29 - 18 de Julho de 2021

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

## Pastores/cuidadores... de quem?

Numa análise superficial, as três leituras da liturgia do XVI domingo do Tempo Comum, Ano B, dirigem-se prioritariamente aos sacerdotes, que presidem às comunidades cristãs: o profeta Jeremias (23, 1-6) fala dos maus pastores que trouxeram a desgraça ao povo, que os levou para o exílio; Paulo (Ef 2, 13-18) fala da reconciliação com Deus e uns com os outros; o evangelho fala de Jesus como ponto de partida e de chegada da acção dos apóstolos, convidados ao descanso, dificultado pela multidão de «ovelhas sem pastor».

### CONCERTO DE ÓRGÃO

Em passagem por Barcelos, um organista de renome internacional, vai proporcionar aos barcelenses um concerto no órgão do templo do Senhor da Cruz. Haydn e J. S. Bach são autores que integram o programa. Será na próxima sexta-feira às 21.00.

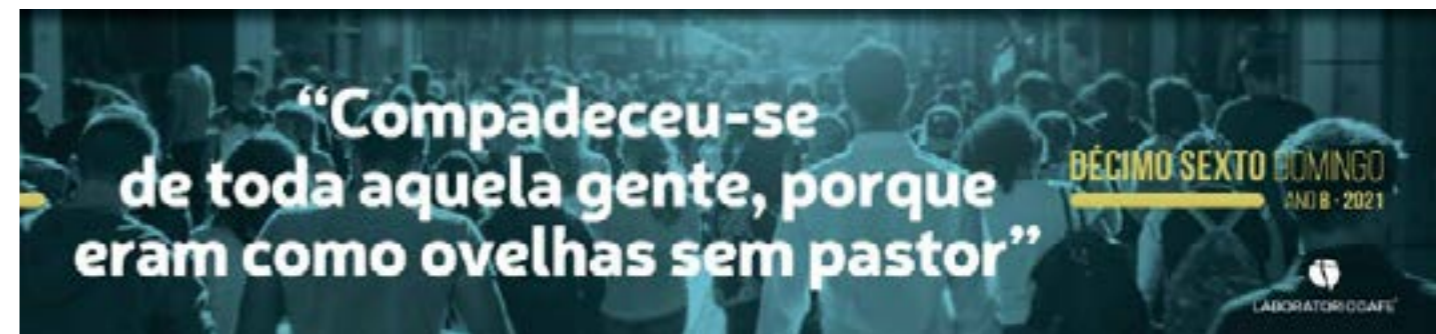
Este entendimento «superficial» é até facilitado pelo tempo de férias, ao terminar um ano de trabalho. Na vida eclesial, há mudança de párocos e ordenações sacerdotais.

Se assim fosse, a grande maioria dos cristãos julgar-se-ia dispensada desta Palavra, dizendo: isto é para os outros, para os padres, não para nós. Numa Igreja que se afirma Povo de Deus, onde todos, na condição de baptizados, se tornam responsáveis do anúncio do evangelho, tal pensamento não tem lugar. Porque todos somos pastores uns dos outros, porque todos temos a missão de cuidar uns dos outros, porque todos fazemos parte do mesmo rebanho de Jesus e todos aqueles que têm como missão primeira a de dar testemunho de Jesus precisam sempre de serem evangelizados antes de evangelizar. E nesta parte, o testemunho cristão que alimenta uns e outros, é direito e dever de todos. Como padre, pastor de comunidades, alguém que tem a missão de caminhar e de encaminhar para Jesus, também eu preciso do testemunho daqueles a quem anuncio o evangelho, que me estimula e me compromete na fidelidade.

É que, hoje como ontem, qualquer seguidor de Jesus que assume a missão de evangelizar - e esta missão pertence a todos os baptizados - tem de permanecer em estado de conversão permanente que o faz ir e vir, partir de Jesus para voltar a Jesus, porque ele não se prega a si próprio mas sim a Boa Nova de Jesus, a Boa Nova que é Jesus. No voltar a Jesus encontra o «descanso» da missão, à semelhança dos «enviados dois a dois». Só que, a «conversão» permanente, esta ligação profunda a Quem nos envia pode ter de entender que o descanso merecido e projectado exigirá até retomar a missão de imediato, como fez Jesus que, ao desembarcar, «viu uma grande multidão e compadeceu-se de toda aquela gente, porque eram como ovelhas sem pastor».

Ao tempo do envio dos apóstolos, relata Marcos, as multidões corriam ao encontro de Jesus. Nos nossos tempos, ditos de secura espiritual, poderemos até cair na tentação de nos desculparmos facilmente: o povo não quer, não aparece... quem, de barriga cheia e com saúde, precisa de Deus? E assim nos vamos acomodando ao «sistema», ainda que suspirando por um «suplemento de alma» que gere novos entusiasmos e novas vias de sentido. Acontece com os pastores das comunidades paroquiais, com aqueles que devem corrigir e animar, com todos aqueles que têm a missão de cuidar. Todos, afinal. Os nossos braços caídos e os nossos lamentos repetidos nada resolvem. E não basta confiar em Deus e esperar que Ele faça o que nos pertence fazer. Conforta-nos, entretanto, saber que Deus nunca abandonou o seu povo.

O Prior - P. Abílio Cardoso



**A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO**  
**XVI DOMINGO DO TEMPO COMUM**
**O Senhor é meu pastor: nada me faltará**
**SEGUNDA, 19** – Leituras: Ex 14, 5-18  
Mt 12, 38-42

**09.00 (Senhor da Cruz):** Joaquim Pinto de Azevedo, pais e sogros  
**15.30 (Terço):** Jorge Martins da Silva Correia  
**19.00 (Matriz):** Manuel Rosa Batista da Costa, esposa e filho

**TERÇA, 20 – S. APOLINÁRIO**  
 Leituras: Ex 14, 21-15, 1  
Mt 12, 46-50

**09.00 (Senhor da Cruz):** José Narciso Costa Alves  
**19.00 (Matriz):** Celebração da Palavra

**QUARTA, 21 – S. LOURENÇO DE BRINDES**  
 Leituras: Ex 16, 1-5. 9-15  
Mt 13, 1-9

**09.00 (Senhor da Cruz):** Em honra do Santíssimo Sacramento  
**15.30 (Terço – Intenções colectivas):**  
 – Pelos irmãos, vivos e falecidos, da Confraria do Terço  
 – António Augusto São Bento  
**19.00 (Matriz):** Maria Cândida Barbosa da Costa

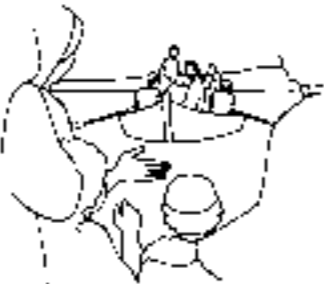
**QUINTA, 22 – S. MARIA MADALENA**  
 Leituras: Cant 3, 1-4a  
Jo 20, 1. 11-18

**08.00 (São José):** Em honra de São Bento  
**09.00 (Senhor da Cruz):** M.<sup>a</sup> Adelaide Oliveira da Rocha e marido  
**15.30 (Terço):** Iria Glória Santos e marido  
**19.00 (Matriz – Intenções colectivas):**  
 – Maria Gracinda Rego Graça Esteves  
 – Luís Soares, Alzira da Silva Carvalho e filhos Manuel e José  
 – Aires Marques e Barcelice de Jesus Cordeiro

**SEXTA, 23 – S. BRÍGIDA**  
 Leituras: Gal 2, 19-20  
Jo 15, 1-8

**09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):**  
 – Joaquim Abilheira  
**15.30 (Terço):** Augusto Dias Salgueiro, esposa e família  
**19.00 (Matriz):** Maria Carminda Ferreira Gomes Costa (1º aniv.)

**SÁBADO, 24 – SANTA MARIA E S. SARBÉLIO MAKHLUF**  
 Leituras: Ex 24, 3-8  
Mt 13, 24-30

**09.00 (Senhor da Cruz):** Manuel Gonçalves Coutinho  
**17.30 (S. José):** Intenção particular  
**19.00 (Matriz – Intenções colectivas):**  
 – Ana Pereira Silva  
 – Maria Fernanda Lopes Martins  
 – Maria do Carmo Sousa Faria  
 – Francisco Duarte Carvalho  
 – Manuel Ferreira Magalhães  
 – Isaurinha Peres Filipe e filhos  
 – Duarte Figueiredo e esposa  
 – Eduardo Cardoso de Oliveira  
 – Maria Isabel Pereira Ribeiro

**DOMINGO, 25 – XVII DO TEMPO COMUM**  
 Leituras: 2 Re 4, 42-44  
Ef 4, 1-6  
Jo 6, 1-15

**09.00 (Senhor da Cruz):** António da Cruz Pereira  
**11.00 (Matriz):** Pelo povo  
**19.00 (Matriz):** Pelos Benfeitores da Paróquia

## SEM BARREIRAS NEM DISTÂNCIAS?

1. Muitas barreiras já tinham sido erguidas antes; agora, sobrevieram mais distâncias. O pretexto é a protecção, mas é possível que a realidade venha a ser mais desconfiança, preconceito, abandono e solidão.

2. Por razões diferentes, a revolução «egocêntrica» e a pandemia determinaram que nos fechássemos: em casa e em nós. Apesar de o critério para o distanciamento ser a protecção dos outros, não falta quem aposte em usar tal expediente para afastar – ainda mais – os outros.

3. Quantos não passaram a viver sozinhos, a sofrer sozinhos e até a morrer sozinhos? Nem palavras, nem sorrisos, nem abraços nem um simples «toque» no outro. Parece que deixamos de ser dádivas para nos convertermos em portadores de ameaça.

4. O outro nada mais é que um perigo, uma fonte de contágio? É longe do outro que reencontramos a saúde e o bem-estar? Como sinalizou Enzo Bianchi, «até as medidas de precaução acabaram por se tornar uma condenação».

5. Também perante tudo isto, é estimulante olhar para Jesus. Como é sabido, Ele não se limitava a curar as pessoas; tocava-as e deixava-se tocar por elas.

6. Era precisamente este com-«tacto» (esta atitude táctil) de Jesus que curava. Para Ele, tocar – e deixar-se tocar – (cf. Mc 5, 21-43) tornou-se a experiência fundamental de comunicação. Porque tocar permite transmitir a identidade própria e sentir a alteridade do outro.

7. O deixar-se tocar e o tocar de Jesus mostram que a nossa carne não é indigna de Deus. Foi, aliás, por isso que o Verbo de Deus Se fez carne (cf. Jo 1, 14). Reciprocamente – assinala Enzo Bianchi –, «a nossa carne torna-se carne de Deus».

8. É deste modo que Deus revela a misericórdia e a compaixão, a proximidade e a ternura. Por conseguinte, nós, cristãos, devemos aprender «a abraçar, a tocar e a curar a "carne de Cristo" nos sofrimentos, nos doentes, nos pecadores e em todos os corpos dos homens e das mulheres que, com gritos fortes ou mudos, invocam a salvação das suas vidas».

9. É que «tocar o outro é falar-lhe silenciosamente com o seu corpo, com a sua mão; é dizer-lhe: "estou aqui para ti"; é assegurar-lhe: «quero-te bem». Enfim, «tocar o outro é comunicar-lhe aquilo que sou e aceitar aquilo que ele é; tocar o outro é um acto de reverência, de reconhecimento, de veneração».

10. É vital que as presentes medidas profiláticas não abram fendas no coração. A humanidade é muito mais do que uma soma de «eus» e do que um vendaval desapiedado de egoísmo.

Há, pois, que superar barreiras e vencer distâncias. O mundo novo surgirá com mãos estendidas, não com fortificações cercadas!

P. João António Pinheiro Teixeira, Teólogo, in DM 13/07/2021

## A ALEGRIA DE UMA NOVA LIBERDADE

1. Hans Küng, ao escolher o desafiante modelo cristão para a sua vida, não deixou de se confrontar com outros modelos: hindu, budista, confucionista, judaico e muçulmano. Não para os desvalorizar, mas para permitir um diálogo lúcido entre todos. Tendo aprendido muito com todos, não quis, no entanto, deixar de manifestar a sua preferência. Para ele, a vida, os ensinamentos e a actividade de Jesus de Nazaré sobressaem, claramente, em comparação com outros fundadores de religiões. O melhor é dar a palavra ao ilustre investigador: «Jesus não foi uma pessoa formada na corte, como aparentemente foi Moisés, nem filho de príncipe, como Buda. Mas também não foi um erudito e político, como k'ung Fu-tzu, nem um comerciante rico e cosmopolita, como Maomé. É precisamente pela sua condição social ser tão insignificante, que a sua importância duradoura parece ainda mais espantosa. Ele não defende a validade incondicional de uma lei escrita que se desenvolve sem cessar (Moisés), nem o retiro monástico em ascético enclausuramento dentro da comunidade regulamentada de uma ordem (Buda), nem a renovação da moral tradicional e da sociedade estabelecida em consonância com uma lei cósmica universal (k'ung Fu-tzu), nem revolucionárias conquistas violentas em luta contra os infiéis e a fundação de um Estado teocrático (Maomé). «Jesus também me parece inconfundível no sistema de coordenadas da sua época. Não se deixa enquadrar com os poderosos nem com os rebeldes do país, nem com os moralizadores nem com os submissos. Revela-se como um provocador, mas tanto à direita como à esquerda. Não está protegido por nenhum partido, desafia em todas as direcções: "O homem que quebrava todos os esquemas" (Eduard Schweizer). Não é sacerdote, mas parece estar mais perto de Deus do que os sacerdotes. Não é um revolucionário político ou social, mas parece mais revolucionário do que os revolucionários. Não é um monge, mas parece mais livre em relação ao mundo do que os ascetas. Não é um casuista moral, mas tem mais fibra moral do que os moralistas. Os evangel-

hos mostram incessantemente: Jesus é diferente! Apesar dos múltiplos paralelismos em pormenores concretos, o Jesus de Nazaré histórico revela-se, em conjunto, totalmente inconfundível, tanto nesse tempo como na actualidade. «Tendo em vista a nossa práxis vital, o aspecto decisivo da mensagem de Jesus, do reino e da vontade de Deus, é totalmente inequívoca: em ditos, parábolas e factos, ganha forma a proclamação alegre e grata de uma nova liberdade. Para mim, aqui e agora, isto significa: precisamente em tempos de febre bolsista e de valor das acções das empresas, não se deixar dominar pela avarícia de dinheiro e prestígio; precisamente em tempos de renascimento de uma política imperialista, não se deixar influenciar pela vontade de poder; precisamente em tempos de desaparecimento inaudito de tabus e consumismo desenfreado, não se deixar escravizar pela propensão para o sexo nem pela ânsia de prazer e diversão; precisamente em tempos em que só o rendimento parece determinar o valor da pessoa, defender a dignidade humana dos fracos, "improdutivos" e pobres» (Hans Küng, Aquilo em que creio, Temas e debates / Círculo de Leitores, 2014, pp. 216-218).

2. Em cada época, em cada lugar e em cada situação, o cristão tem de perguntar: o que é que devo fazer para ser fiel ao Espírito criador do Nazareno? Jesus não deixou uma cartilha universal e intemporal para responder às nossas dificuldades e interrogações. Não escreveu nada. Foram os discípulos convertidos que, a partir do que era vivido e discutido na memória e na criatividade das diferentes comunidades cristãs, escreveram a novidade da palavra e da prática deste homem espantosamente livre. Não como cópia, mas como espírito de criatividade: a letra mata, é o espírito que vivifica a memória do passado e a invenção do presente. Cada época e cada situação social e cultural têm desafios inéditos. É o Espírito de Jesus que nos desafia a encontrar os caminhos para resolver o que deve ser resolvido, por nossa conta e risco, segundo as circunstâncias sempre em mudança. É a fidelidade a Jesus Cristo que exige uma viragem no modo de entender, viver e entrever na história humana. É atribuída a Terêncio (185 a.C.-159 a.C.), uma declaração absolutamente extraordinária: Sou um homem: nada do que é humano me é estranho. Para o Papa Francisco, tudo o que ofende a condição humana, seja de quem for, seja onde for,

exige a nossa intervenção fraterna. Somos todos irmãos (Fratelli tutti). A grande viragem, porém, não é um acontecimento recente: pertence à própria essência do cristianismo. Segundo S. João, o próprio Verbo de Deus fez-se carne, fragilidade humana, tornou-se o rosto humano do puro mistério de Deus. Revelou não só quanto Deus é misterioso, mas também como é misteriosa a condição humana. A história do Mundo, das Religiões e da Igreja não está fechada. Tudo tem de ser recreado.

3. Na audiência do dia 23 de Junho, o Papa Francisco levou-nos a reflectir sobre alguns temas que o apóstolo Paulo propõe na sua Carta aos Gálatas. Considera que é uma Carta muito importante, decisiva, não só para conhecer melhor o Apóstolo, mas sobretudo para considerar alguns dos temas que ele aborda em profundidade, mostrando a beleza do Evangelho. Trata de algumas temáticas muito importantes para a fé, tais como a liberdade, a graça e o modo de vida cristão, que são extremamente relevantes, pois tocam muitos aspectos da vida da Igreja de hoje. Esta é uma Carta muito actual. Parece ter sido escrita para os nossos tempos. Como diz o Papa, a situação que Paulo descreve não está longe da experiência que muitos cristãos vivem na nossa época. Com efeito, ainda hoje, não faltam pregadores que, especialmente através dos novos meios de comunicação, podem perturbar as comunidades. Apresentam-se não para anunciar o Evangelho de Deus que ama o ser humano em Jesus Crucificado e Ressuscitado, mas para repetirem com insistência, como verdadeiros "guardiães da verdade" – assim se consideram – qual é a melhor maneira de ser cristão. Afirmam energicamente que o verdadeiro cristianismo é aquele ao qual estão ligados, frequentemente identificado com certas formas do passado, e que a solução para as crises de hoje é voltar atrás para não perder a autenticidade da fé. Hoje, como outrora, existe a tentação de se fecharem em algumas certezas adquiridas em tradições passadas. O Papa pergunta: Como podemos reconhecer esta gente? E responde: por exemplo, uma das características do modo de proceder é a rigidez. Face à pregação do Evangelho que nos torna livres, jubilosos, eles são rígidos. Sempre a rigidez: deve-se fazer isto, deve-se fazer aquilo... A rigidez é própria dessas pessoas. A Carta aos Gálatas é, pelo contrário, a carta dos caminhos da liberdade solidária e alegre que nos coloca ao serviço uns dos outros.

Frei Bento Domingues, in Público, 04. Julho. 2021

**SÓCIO-CARITATIVA** – Vai reunir no próximo sábado, às 16.30, nas salas de catequese. Das 17.00 às 17.30 haverá acolhimento aos carenciados.

**PRAIA COM A UNIÃO** – A Junta de Freguesia informa que esta iniciativa decorrerá de 2 a 31 de agosto, de segunda a sexta-feira, das 8h às 13h, para residentes na União com mais de 65 anos. As inscrições decorrem na Sede da União, sita no Largo D. António Barroso, em Barcelos e iniciam na próxima segunda-feira, dia 19/07/2021.

### OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Família n.º 233 – 8,20
- Família n.º 2 – 10,00
- Família n.º 264 – 50,00

**TOTAL DA SEMANA – 68,20 euros**

 A transportar: 25.655,75 euros  
 Despesas até agora: 33.233,75 euros